

Receitas de quarentena

Henrique Moreira de Castro e Leonardo Costaneto

Cozinhar é, mais do que preparar o alimento para saciar a fome do corpo, um ato de resistência e de expressão de nossa singular humanidade. À beira de um pequeno fogão, em uma cozinha apertada de apartamento, ou ao redor do fogão a lenha de uma casa no campo, preparamos um ritual: lavamos as folhas e os legumes, catamos o feijão, cortamos a carne, deixamos à mão temperos, ervas, alho. Pomos a panela no fogo e deixamos pegar calor para, então, acrescentar óleo, azeite ou aquela gordura de toucinho. Chora o alho, chia o bacon ou o torresmo. O delicioso cheiro nos transporta a todos em uma viagem dos sentidos, que atíça ainda mais a fome... Há um quê de magia, de feitiço, na cozinha.

Nestes dias de reclusão, quando a vida parece tão incerta, nos damos conta de outra dimensão, outras dimensões, da casa que, convertida em refúgio contra a peste, precisa ser ressignificada. Cada um e todos os gestos, os afazeres e a rotina têm um sentido mais profundo – a vida pessoal e íntima resiste. Um bombardeio de informações parece desabar sobre nossas cabeças. Todavia, estamos aqui, a família reunida. O apocalipse foi antecipado? Talvez. O humano, o essencial, no entanto, não se entregará. Persiste e resiste, em nós, a estranha mania de ter fé na vida, como naquela música de Milton Nascimento. Ademais, lá fora, haverá um mundo a ser reconstruído e teremos de estar fortes, alimentados. Nutridos!

O entretenimento pelas telas digitais cansa, a janela que dá para um pedaço de céu, para a copa de uma árvore ou o maciço de concreto da cidade, fragmenta espaço e tempo. Entediados, corremos à cozinha onde não há muitas opções: impedidos de sair para o mercado, aprendemos a cozinhar com o que temos na dispensa e na geladeira. A comida, assim como a própria vida, paradoxalmente, volta a ser mais simples e, talvez, por isso, mais saborosa. Inventamos receitas, pesquisamos algo novo na internet. Uma vez mais, nos encantamos ao ler, com devoção, as páginas dos livros de receita de Dona Lucinha. Renova-se em nós a fome de aprender e de superar o que insiste em oprimir. O fogão, a mesa e a cozinha são,

pois, ponto de encontro dos que habitam a casa. Alquimia e celebração. A repartição do pão e do vinho é refeição e missa.

Conversamos mais enquanto cozinhamos, trocamos ideias, falamos dos planos para o que virá. Enquanto isso, comemos e bebemos. Tudo que era sofisticado demais perdeu o valor. O tempo, na quarentena, é precioso. Giramos em uma rotação mais lenta e conseguimos olhar, ainda que pela tela, pela janela, para o outro como ele se apresenta a nós é, descobrimos, surpresos, que ele se parece bastante conosco. Por isso, cozinhar é um ato heroico de sobrevivência, de autoconhecimento, porque queremos seguir, fortes, unidos. Juntos.